



O QUE PODEMOS SABER SOBRE POLÍTICA E ARTE É SUFICIENTE?

Patrícia Oliveira

Investigadora do Observatório Político

A introdução de novas técnicas, a aceleração dos mecanismos de produção e de padrões de consumo, a diversidade de imagens e o surgimento de novas formas de expressão artística colocam-nos no limiar explicativo entre teoria e prática – entre aquilo que nos permite reconhecer ser de matéria política e não-política. Se o que podemos saber sobre política e arte é suficiente, dependerá do decorrer da investigação acerca das relações possíveis ambas. *O que podemos saber sobre política e arte é suficiente?* Ainda que possa não ser suficiente, é certamente necessário para compreendermos parte de num conjunto híbrido de interações que marcam a contemporaneidade.

«Não sei. Não sei. Que significa este “não sei”? (...) Não sei nada do Mundo Em Que Vivemos. Engraçado, não é? Passam-se trinta, cinquenta, sessenta, cem anos, e não se sabe nada do Mundo Em Que Vivemos... Eu não sei, não sei... (...) Uma estrela cadente, um rasto súbito e imprevisto que parece instalar um clima de, digamos, expansão simbólica...»

Carlos J. Pessoa, *O Mundo Em Que Vivemos*¹

I.

No quotidiano, somos rodeados por um número considerável de objectos – utensílios, dispositivos, ideias, sentimentos, imprevistos – com os quais estabelecemos voluntariamente ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente, uma relação de interacção. É, sobretudo, a partir do

¹ A partir do texto dramático *O Mundo Em Que Vivemos*, de Carlos J. Pessôas, estreado no Teatro Taborda a 17 de Novembro de 2011, pela companhia Teatro da Garagem.



confronto vs consensualidade, entre nós e esses mesmos objectos², que se torna possível a atribuição de significado e de relevância, quer seja no domínio pessoal, quer seja no domínio colectivo.

Um retorno à questão «o que é a política» e «o que é a arte» consiste numa actividade de persistência do intelecto e do conhecimento, face à possibilidade de nunca podermos vir a descobrir o todo, pelo menos tornamos possível conhecer uma parte, e estabelecer alguma ordem de ideias em dois dos conceitos mais envolventes da vida humana, mas também dos mais opacos³.

Se o que podemos saber sobre política e arte é suficiente, dependerá do decorrer da investigação acerca das relações possíveis ambas. *O que podemos saber sobre política e arte é suficiente?* Ainda que possa não ser suficiente, é certamente necessário para compreendermos parte de num conjunto híbrido de interacções que marcam a contemporaneidade.

Paralelamente, ao atribuímos significado e relevância a algo, tendemos a considerar que a as nossas acções são representativas e orientadas para motivações, assuntos e qualidades às quais somos sensíveis⁴. Por isso, se alguém nos perguntar «a arte relaciona-se com a política?», diríamos com naturalidade «evidentemente».

No entanto, se nos questionarem sobre «qual a relação entre arte e política?», muito provavelmente a nossa resposta seria «não sei...» – não porque efectivamente nada sabemos sobre o assunto, mas antes porque a dificuldade desta questão recai sobre um problema que convoca várias respostas possíveis – múltiplos níveis de conceptualização, argumentos e perspectivas⁵. O debate tem sido animado por um conjunto diversificado de autores – filósofos, sociólogos, historiadores, juristas, politólogos – fornecendo diferentes perspectivas sobre o estado e desenvolvimento da questão:

- 1) Historicamente, concepções ocidentais sobre relações estéticas e o significado de arte;
- 2) O estatuto da arte em relação às instituições e ao poder público;
- 3) A emergência de novas práticas e visões do mundo através da interacção entre arte contemporânea e o espaço ampliado da acção política.

² Hantelmann, D. (2010) *How to do Things With Art*. Dijon: Les presses du reel.

³ Costello, D; Vickery, J. (2007) *Art: key contemporary thinkers*. Oxford: Berg.

⁴ Rancière, J. (2000) *Le Partage du Sensible*. Paris: La Fabrique – éditions.

⁵ Oliveira, P. (2011) *Política e Arte: desvios, leituras e emergências*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, Área de Especialização em Ciência Política. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.



Não só verificamos existir na literatura disponível uma discussão útil e aliciante, mas infinda *sobre* estética e arte⁶, como também um debate menos claro, denso e relacional *com* a arte⁷ – e este aspecto que interessa à teoria política.

A evocação de certas perguntas obrigam-nos a revisitar contributos relevantes da literatura, bem como a reflectir autonomamente sobre um conjunto de premissas de investigação, em particular sobre o significado, impacto e circunstâncias da política.

II.

Há entre a arte e a política uma tensão para além da estética; uma tensão que se manifesta entre aquilo que se diz, que se faz representar, e que sobre a qual se produz um discurso legitimador⁸. A arte, tal como a política, possui um discurso legitimador – uma dimensão conceptual em permanente relação de interacção com vários tipos de objectos, actividades, processos, ideias, subculturas, estilos, exposições, mercados e instituições⁹.

A política é a expressão mais distinta da vida humana, e por isso, a mais abrangente e ambígua¹⁰. Com rigor, colocar a política no tempo, e em relação à história contemporânea, permite-nos estabelecer um caminho dependente, através do qual a configuração de um conceito híbrido de política é possível sem invalidar a aplicabilidade do próprio conceito.

Consequentemente, é difícil de definir ou medir com exactidão e rigor científicos as consequências e trocas entre a esfera política e as restantes esferas que lhe são inevitavelmente tangentes, uma vez que no cerne da política residem a complexidade dos seus objectivos, as ligações difusas entre meios e resultados.

A ambiguidade da política é o motivo pelo qual dificilmente a podemos compreender apenas enquanto profissão¹¹, esfera¹² ou sistema¹³; porque a política interessa-se por objectos, e examina as condições em que alguns desses objectos são tornados públicos, ao mesmo tempo que lhes é atribuído

⁶ Vejam-se os seguintes contributos: Chalumeau (1997); Beaudry e Olivier (2001); Murray (2003); D'Orey (2007)

⁷ Salientamos as seguintes obras: Gleizal, P. (1994) *L'Art et le Politique*. Paris: PUF.; Michaud, Y. (2006) *La crise de l'art contemporain. Utopie, démocratie et comédie*. Paris: PUF; Rancière, J. (2010) *O Espectador Emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro.

⁸ Sarmiento, C. M. (2009) «As “vantagens” actuais da cultura». In Godinho, P.; Bastos, S. P.; Fonseca, I. (org.). *Jorge Crespo. Estudos em Homenagem*. Lisboa: 100LUZ. pp.517-531.

⁹ AAVV. (2011) *Às Artes Cidadãos!*. Porto: Serralves.

¹⁰ É, portanto, difícil de medir com exactidão e rigor científicos as consequências e trocas entre a chamada esfera da política e as restantes esferas que lhe são inevitavelmente tangentes. Veja-se o seguinte contributo: Pierson, P. (2004) *Place Politics in Time: History, Institutions and Social Analysis*. Princeton: Princeton University Press.

¹¹ Weber, M. (1979) *O Político e o Cientista*. 3ª edição. Lisboa: Presença.

¹² Arendt, A. (1995) *¿Que es la política?* Barcelona: Ediciones Paidós.

¹³ Easton, D. (1965) *A framework for political analysis*. USA: Princeton-Hall.



materialidade, significado e representação política¹⁴. O envolvimento e participação na vida pública correspondem a uma faz facetas fulcrais da política, estabelecendo-se no modo como os indivíduos se relacionam e interagem com o colectivo na produção do conjunto de normas e de instituições que estruturam a vida em sociedade.

Assim, a arte contribui para a produção do real, enquanto meio de comunicação através do qual os indivíduos deslocam-se da sua vida privada para criarem e recriarem um mundo público – o investimento na criatividade através da arte consiste numa dessas formas possíveis de interpelação da organização e funcionamento do poder e da comunidade política. Por estes motivos a ciência política não poderá negligenciar o significado social e político da arte¹⁵.

Para compreendermos a relação entre política e arte consideremos que, em primeiro, a arte pode acompanhar um projecto político e que, em segundo lugar, os objectos de arte podem apresentar um conteúdo potencialmente político e crítico que é reconhecido de forma imediata e evidente. Admitindo que existe entre estas duas proposições uma correlação positiva, podemos expor como hipótese: o surgimento de novas práticas artísticas auxilia a realização duma transformação social e política. As sinergias contidas nos objectos artísticos adequam-se aos referenciais de sentido presentes nas noções de *projecto* e de *representação*¹⁶, oferecendo ao objecto de arte, em particular, um potencial crítico em relação aos contextos políticos, uma vez que o objecto possui uma orientação para valores e ideias, exprimindo uma estrutura normativa e simbólica do poder.

Deste modo, podemos aferir que o objecto de arte é sensível a apresentar-se enquanto proposição política. A relação entre arte, práticas artísticas contemporâneas, e a política fornece-nos uma abordagem significativa e crítica às questões da subjectividade, da moral, da ética e da teoria. Quer seja do ponto de vista abstracto, quer seja do ponto de vista utilitário, a arte possui um potencial sedutor para a compreensão alargada da perspectiva política, sobretudo se tomarmos interesse no entendimento da cultura política mais recente.

O conceito de cultura política tem servido para explicar o grau de confiança dos indivíduos nas instituições e nas respectivas lideranças políticas, constituindo-se enquanto indicador de confiança e cepticismo, não somente em relação àqueles que fazem política e aos partidos políticos, como também em relação ao sistema democrático. Tem-se procurado através da caracterização da

¹⁴ Inglis, F. (1993) *Cultural Studies*. Oxford: Blackwell Publishers.

¹⁵ Hantelmann, D. (2010) *How to do Things With Art*. Dijon: Les presses du reel.

¹⁶ Huot, M. (2001) «Arte t Politique: un lien interrogé». In Beaudry, L.; Olivier, L. (dir.). *La politique par le détour de l'art, de l'éthique et de la philosophie*. Québec: Presses l'Université du Québec. pp.14.



cultura política explicar atitudes, valores e concepções políticas, na tentativa de explicarmos a alteração e características dos respectivos padrões de cultura.

A permeabilização do termo cultura atingiu a arena política de tal modo, que se acredita no seu poder transformador. A polissemia do termos cultura política permite-nos adoptar uma postura interdisciplinar, de pensamento complexo e em *bilateralidade científica* com os estudos sobre arte e cultura e a própria ciência política.

III.

Neste *working paper* – o que podemos saber sobre política e arte é suficiente? – fazem-se uso dos instrumentos politológicos para compreendermos, através do hibridismo da estética e da arte contemporânea, as configurações do próprio poder. A apreensão dos fenómenos da contemporaneidade passou a requerer a utilização de tipos diferentes de tempo associados a actividades diversas, que vieram alterar a compreensão e visibilidade do mundo¹⁷.

Embora possa ser permissível atribuir à questão um aproveitamento artístico da política, no entanto, é falacioso concluir que a arte se poderia julgar superior pelas suas demonstrações institucionais e económicas. As instalações, a arte pública e a performance introduziram uma variedade de requisitos nos modos de consumo da cultura e de relação com os seus espectadores e intervenientes.

A moldura política subjacente ao estudo das práticas artísticas e culturais no seu conjunto permite-nos compreender a interacção da política com a arte, da representação com o sujeito, da relação entre o sujeito e o objecto, «na medida em que o político é sempre reflexo de uma imagem que a sociedade faz de si mesma (...) povoada de crenças, de convenções e de símbolos»¹⁸.

«Ganhar o controlo sobre os códigos simbólicos da arte é uma forma importante de poder. E assegurar o comando sobre a definição, aplicação e interpretação destes códigos estéticos torna-se uma fonte de conflito nas disputas de hoje cada vez mais frequentes sobre a estetização da vida quotidiana.»

Luke, T. W. (1999) *Shows of Force: Power, Politics, and Ideology in Art Exhibitions*¹⁹

¹⁷ Como por exemplo: comunicação móvel, realização de vídeo-chamadas, acesso à Internet, utilização de GPS (*Global Positioning System*), download e acesso electrónico a revistas, livros, músicas, vídeos e filmes.

¹⁸ Sarmiento, C. M. (2008) *Os Guardiões dos Sonhos. Teorias e Práticas Políticas dos anos 60*. Lisboa: Edições Colibri. pp. 33.

¹⁹ Luke, T. W. (1999) *Shows of Force: Power, Politics, and Ideology in Art Exhibitions*. 3rd Edition. Durham: Duke University Press. pp. 2.



A interacção entre os objectos de arte e os eventos políticos surgem temporal e espacialmente diluídos nas relações de consumo, o que não só as potencia, como também permite que a interacção destas variáveis ganhe uma dimensão utilitária e significado discursivo considerável. A relação entre política e arte tem implicações relevantes sobre as referências especulativas em relação à manifestação do próprio poder em termos políticos. O que podemos saber sobre política e arte parecer-nos-á sempre insuficiente, tanto mais quanto for nosso ensejo compreender em que medida o poder instrumentaliza a totalidade da comunidade política.

OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Av. Elias Garcia, nº 123 – 7ºE
1050-098 Lisboa PORTUGAL
Telf. (00351) 21 820 88 75
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

OLIVEIRA, Patrícia, «O que podemos saber sobre política e arte é suficiente? », *Working Paper #5*, Observatório Político, publicado em 15/1/2012, URL: www.observatoriopolitico.pt

Aviso:

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.